



## **A MÍDIA E O ASSASSINATO DO CASAL VON RICHTHOFEN**

**Ms Penha Rocha**

Professora da Universidade Federal Fluminense -UFF e da Estácio de Sá

Doutoranda da Escola de Comunicação da UFRJ

Jornalista colaboradora da Revista Pesquisa/FAPESP

JOHANN WOLFGANG GOETHE, o mais importante escritor alemão do século XIX, escreveu: “Os sofrimentos do jovem Werther”, peça em que o personagem principal, “o jovem Werther” comete suicídio. Logo após a publicação desta obra, uma série de mortes por suicídio passam a acontecer, na Alemanha.

Este fenômeno, pesquisado nos Estados Unidos, na Europa e, também, no Brasil, por vários estudiosos que trabalham com mídias diversas, como jornal impresso e televisão, gera algumas considerações pertinentes, que podem ser resumidas assim: na maioria das vezes em que é dado um destaque exagerado a crimes (assassinatos e suicídios), de celebridade ou cidadão comum, ocorre um aumento do número destas tragédias. Isto foi conceituado como *efeito de imitação*, um desencadeador que libera o desejo que o indivíduo já possuía<sup>1</sup> Na maioria das vezes em que se pesquisa a violência, pela imprensa, uma das prioridades é refletir sobre o papel desta, ao reforçar, no noticiário sobre esta categoria, os preconceitos existentes na cultura. Para se ter uma idéia, na Holanda, tem-se pesquisado a função do noticiário sobre violência, na perpetuação de preconceitos étnico-raciais. Como consequência destes trabalhos, existe um acordo ético entre os jornalistas holandeses para que não se coloque, na reportagem, a etnia do suspeito ou possível agressor.

Uma outra questão, também, levantada é se a mídia provoca ou não, situações de pânico, levando-se em consideração que ela super-representa determinados fenômenos. Este fato é admitido, em vários países: a imprensa espetaculariza, principalmente, determinados tipos de crimes: os mais violentos têm maior destaque. Na Suécia, por exemplo, trinta por

---

<sup>1</sup>PHILLIPS;CARSTENSEN,(1986) Clusterin of teenage suicides affter tv news stories about suicide. The New England Journal of Medicine. 315(11), 690-694).

cento das matérias publicadas nos jornais, referem-se a crimes violentos, porém, é importante lembrar que crimes violentos, naquele país, representam três por cento das ocorrências, sendo que deste percentual, noventa por cento não apresentam gravidade física. No entanto, parece que a cada verão a mídia sueca escolhe o que eles chamam de *crime do verão* que é coberto durante, pelo menos, um mês, aumentando o faturamento das empresas de comunicação, através da maior venda de jornais, da audiência dos telespectadores e das transmissões, no rádio<sup>2</sup>.

Vale a pena ressaltar que, na imprensa européia, as matérias de crimes são feitas por jornalistas especializados e bem pagos. São consideradas como das mais importantes, porque as pesquisas revelam que o leitor compra jornal e liga a tevê para ver o crime.

Os periódicos mais sofisticados e de maior credibilidade, assim como as emissoras de tevê, tentam dar menor espaço a estes assuntos. Mas, os tablóides dão manchete de primeira página e, no “miolo” do jornal, as fotos têm maior espaço. Comparativamente à chamada “grande imprensa” brasileira - **Folha de S.P, O Estado, Jornal do Brasil e O Globo** - poderíamos dizer que são jornais até mais discretos do que os estrangeiros, em termos de noticiários de crimes.

Entretanto, o aumento da violência nos últimos anos, no Brasil, principalmente de homicídios, propiciou que as notícias sobre a violência saíssem das editoras de polícia e dos jornais especializados em crimes, para ganhar destaque em todas as mídias. No Brasil, os episódios de violência que recebem destaque na imprensa, além de possuírem características para tornarem-se notícia-escandalosos, cruéis ou inusitados, são acontecimentos cuja repercussão ocorre por trazerem, a público, outras questões que não estão, diretamente, ligadas a eles. Talvez, por isto, afirma o escritor e jornalista, Zuenir Ventura, num texto sobre *Mídia e Violência*,<sup>3</sup> que o jornalismo vive uma séria crise de confiança. Ventura cita, como exemplo, perguntas feitas por leitores, aos jornalistas, tais como: “o que você quis dizer, quando escreveu determinada frase?” E o autor do texto mencionado responde: “eu quis dizer o que eu escrevi, eu quis dizer o que eu disse.” E ainda, “diante dos questionamentos que nos

---

<sup>2</sup> DALGREN.P (1998) Crime News: the fascination of the mundane. *European Journal of Communication*.3:189-206

<sup>3</sup> VENTURA. Mídia e violência. *Revista Comunicação & política*,v1,n2,p. 7-83.

<sup>4</sup>- **Jornal O Globo**- Editorial Mundo/13/112002 p. 28

são feitos, pelo cidadão comum, temos que assumir que, realmente, falta credibilidade na imprensa”.

As causas são as mais diversas possíveis. A primeira delas, poderíamos constatar com Eric Hobsbawn que, aos 85 anos e considerado o maior historiador marxista vivo, em sua biografia, ”Tempos interessantes” (conceituada como nada convencional, porque suas memórias são a lembrança dos grandes momentos da história desse período) diz que “é um mundo novo e diferente, os governos estão, em certos aspectos, tornando-se mais fracos. Pelo menos, no controle dos seus territórios e na sua capacidade de mobilizar suas populações. É impensável que, no século XXI, Estados grandes e modernos sejam capazes de convencer seus cidadãos a irem à guerra de forma voluntária e morrer e serem mortos, como aconteceu na Primeira e Segunda Guerras. Na verdade, hoje, ficamos chocados quando descobrimos que pequenos grupos de pessoas estão preparados para morrer ou matar. E isto é um novo fenômeno. Alguém pode dizer que está otimista, hoje? O melhor que se pode dizer é que se está preocupado. Mas, é claro que há esperança de que as coisas saiam melhores”.<sup>4</sup>

Neste panorama deste novo mundo, vivemos em tempo de crise global, em tempos de depressão, em tempos de desencanto da modernidade. Nós, jornalistas, gostamos, até como leitores, do mórbido, do monstruoso, do insólito, das catástrofes, dos escândalos, das discórdias, dos conflitos, das paixões assassinas. Gostamos, enfim, do homem mordendo o cachorro, para ensinar aquela velha imagem que os americanos nos ensinaram. Cachorro mordendo o homem não é notícia. Nós começamos aprendendo que só há notícia, quando o homem morde o cachorro. A vontade coletiva dos leitores é que seria a medida de todas as coisas. Cabe a eles, avaliar-nos e avalizar-nos. Mas, será que temos que entregar esta questão para o mercado, mesmo numa sociedade controlada pela lei dele, pela lógica do consumo movida pela competição e pelo lucro, numa sociedade de espetáculos da notícia e do marketing? Temos a impressão de que não pode ser desta maneira. A transformação do leitor em consumidor foi, talvez, a mais extrema revolução que aconteceu na era da transição técnica e política do jornalismo, ainda com Ventura.

Faz-se necessário, diante destas reflexões, estabelecer uma distinção entre imprensa e mídia.

O pensador Muniz Sodré afirma que para compreendê-la é preciso levar em consideração o tamanho da proporção das transformações sociais e tecnológicas em

---

1 Trabalho apresentado na Sessão de Temas Livres, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



andamento. Em primeiro lugar, mudou a natureza do espaço público, convencionalmente, representado pela política e pela imprensa escrita, cuja articulação propiciava o espaço da discussão sobre questões públicas e valores éticos. Neste momento, formas tradicionais de representação da realidade e muito recentes, como o virtual, a dimensão tecnocultural, onde se elaboram e se movimentam novos sujeitos sociais. Segundo vários especialistas de mídia, a imprensa escrita sempre esteve no centro deste processo representativo. Numa perspectiva diacrônica, podem ser formulados, para ela, modelos diversos de comunicação, correspondentes a diferentes etapas históricas nas sociedades liberais democráticas.

De acordo com Bernard Miege, mídia ou comunicação generalizada, não é cópia, reprodução ou reflexão de uma realidade externa: é, na prática, uma forma nova de vida, com um novo espaço de relacionamento coletivo dos indivíduos, com outros paradigmas para a constituição das identidades pessoais.

Nesse momento da história, no começo do século XXI, quando referências fundamentais para o homem, como a escola, a família, o Estado, se modificam e revezam os papéis, a mídia exerce uma função que merece, cada vez mais, uma análise profunda do que estamos presenciando.

### **31 de outubro de 2002 - Mídia banaliza parreicídio, em São Paulo**

A violência, quando envolve adolescentes pobres, suas causas parecem ser mais fáceis de serem identificáveis. As drogas, seu tráfico e consumo seriam responsabilizadas por algumas das origens da violência. Os outros motivos, associados ao primeiro, ficariam na lista dos milhares de desempregados existentes, no país, da falta de oportunidades e da exclusão que limitaria o acesso dos jovens pobres ao consumo e ao bem-estar da sociedade neo-liberal. Afinal, a sociedade brasileira é profundamente injusta, marcada por desigualdades insuportáveis, como afirma o pensador Leandro Konder<sup>5</sup>.

E quando a violência aparece em famílias ricas e sob a forma de um cruel parricídio? *Suzane tramou a morte dos pais, foi para o motel, deu festa de aniversário, ia gastar a herança...Exclusivo- A verdadeira história- A PM costumava ser chamada para apartar as*

---

<sup>5</sup>O Discreto charme do Marxismo, entrevista in Revista **Pesquisa**, Fapesp, dezembro de 2002.



*brigas do pai de Suzane, com o namorado dela. Até hoje, o órfão de 15 anos visita a família dos irmãos assassinos. Usuária de maconha, Suzane diz que os pais bebiam muito..*

.Assim, a Revista **Época** aborda a história de Suzane Louise, de 19 anos, estudante de Direito da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, uma das mais conceituadas instituições de ensino do país que, com o auxílio do namorado de 21 e o irmão dele, de 26, matou os pais, golpeados até a morte, com barras de ferro. Depois do crime, o grupo encenou um latrocínio, aproveitando para sumir com US\$ 5 mil , além de jóias e R\$ 8 mil que foram usados por um dos rapazes para comprar uma moto e, pela moça, para fazer um churrasco de aniversário. O pai, o engenheiro Manfred Von Richoffen e a mãe, médica psiquiatra Marisa, eram proprietários de uma mansão no Brooklyn, bairro da região nobre da cidade de São Paulo, com vários carros na garagem. A moça, universitária, além de bonita, fala inglês e alemão.

Durante semanas e semanas, toda a mídia explorou o caso com uma banalidade temerosa, mostrando pela televisão, durante um dia inteiro, a reconstituição do crime, com a presença dos acusados, revelando toda a intimidade da casa da família Von Richoffen, com a autorização do poder público. Na seqüência, vários outros crimes parecidos foram noticiados, pela mídia, como *o neto matou a avó e a empregada para comprar cocaín...., a menina de onze anos que matou o pai, colocando veneno na comida dele, por conta da proibição de um namoro....adolescente, com a ajuda do namorado, matou a mãe para receber o seguro de vida.....*, entre outros.

Explicações para o crime da família Von Richoffen? Crimes entre ricos parecem merecer explicações, também, mais ricas. Psicanalistas, psiquiatras, psicólogos, jornalistas e “especialistas” de plantão compareceram com teorias, das mais diversas, sobre o episódio:

- 1 - conflitos familiares, ou seja, ausência presumida dos pais junto aos filhos
- 2 - psicopatia- será que de todos os envolvidos?
- 3 - psicose ( de Suzane Louise?)
- 4 - relutância dos pais em impor limites
- 5 - amor juvenil - o recorrente tema da paixão proibida
- 6 - uso de maconha



A corrente filosófica ockhamismo foi conceituada, desde o século XV, por Ockham, no último período da escolástica medieval, caracterizada pelos seguintes pontos básicos:

- 1 - empirismo - como privilégio concedido às experiências ou “conhecimento intuitivo” para a prova e verificação da verdade.
- 2 - nominalismo - negação da realidade dos universais e sua redução a signos naturais.
- 3 – terminismo \_ lógica da suposição, para a qual os conceitos são termos que estão no lugar das coisas reais.
- 4 - cepticismo teológico - segundo o qual, é impossível demonstrar ou racionalizar as verdades da fé e se atribuir veracidade às provas da existência de Deus, apenas pelo valor provável.

Portanto, desde Ockhman, com sua navalha filosófica, duvidamos de todas as explicações múltiplas. Procuramos causas sintéticas, fáceis de digerir, principalmente, para acontecimentos assustadores e muito próximos.

Convém lembrar que essa aproximação é social e emocional: uma família com características semelhantes às nossas e, afinal, uma família - um dos valores que parecia estar resistindo às transformações da sociedade, em que tudo que *é sólido desmancha no ar*. A família constitui um espaço especial na sociedade moderna. Dentro dela permanecem regras já abolidas do contexto social mais amplo, como a predominância do afetivo e da hierarquização. A mediação entre o nascimento biológico e a socialização primária do ser humano parece ser uma função, para a qual, a família ainda é insubstituível, adverte o Psicanalista e Professor do Instituto de Psiquiatria da UFRJ, Edson Saagesi, em seu texto *Violência sem causa?* em que aborda e faz reflexões, a respeito da jovem rica que premeditou o assassinato dos pais e o papel da mídia, no citado crime.

O paulatino desligamento da família do espaço social e a partilha de funções entre ela e outras instâncias sociais, não se dá sem problemas. Simmel (1977) admite, ao mesmo tempo, a transformação da família e a manutenção da sua importância para o indivíduo: “A família, cuja a significação tem, primeiro, um caráter político e real, porém que, ao avançar a civilização, vai tomando, cada vez mais, um caráter psicológico e ideal, oferece como indivíduo coletivo, a seus membros, por um lado, uma diferenciação provisória que os prepara, ao menos, para o que é próprio da individualidade absoluta, e que por outro lado,

uma proteção, sob a qual, a última pode desenvolver-se até adquirir resistência suficiente.”(Simmel, p.752)

Não se admite que um crime, tão brutal, tenha acontecido na base estrutural da família, de uma *boa* família. É fundamental explicar, e pode ser através de um exemplo compilado por Foucault(1979): “Eu Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão...”, no qual é narrada uma história de um assassinato dentro da família, ocorrido no século XIX.. Mas, as semelhanças param aí, com o caso de Suzane Luoise. O jovem Rivière parecia ser um altruísta, ao menos em sua própria explicação: mata em nome do pai, para livrá-lo das humilhações e problemas com a mãe. Semelhante, somente o exercício do poder da, então, recém-inaugurada psiquiatria, ávida para tomar o seu lugar entre os saberes reconhecidos da época.

No caso dos jovens namorados, por que eles não fugiram juntos? Por que não tiveram um filho, para forçar a aceitação dos pais ?

A jornalista e psicanalista, colunista da Revista **Época**, Maria Rita Kehl, doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP, em seu artigo *Banalidade do Mal e fantasia telenovelesca*, publicado no Caderno Mais, **Folha de São Paulo**, afirma que “o confronto com o horror incompreensível suscita reações conservadoras.”

Culpa-se a dissolução familiar, típica da modernidade tardia. Mas, aquela não era justamente uma família dita bem estruturada? Pais unidos, filhos na escola, educados dentro dos limites, aparentemente, claros: pois, não foi a consistente oposição do casal ao namoro de Suzane com um rapaz de classe média mais baixa, desempregado, que deflagrou a tragédia?

A reação conservadora não parece levar, em conta, este fato. Como não parece levar, em conta, que a família burguesa “bem constituída”, monogâmica e claustrofóbica foi, durante os dois séculos de sua vigência, o grande caldo de cultura do sofrimento mental moderno.

“O que me assusta”, diz a autora, “quanto ao suposto panorama mental da moça, é a estupidez comum da jovem. Se é para pensar o crime como ‘sinal dos tempos’, não podemos dissociá-lo dos efeitos da cultura de massa de nossa sociedade. “Vazios de pensamentos mais alienação a um Outro Emissor de sentidos *banais para a existência = banalidade do mal*”.

Segundo Maria Rita Kehl, a tentativa da imprensa foi a de tranquilizar a opinião pública, com explicações de especialistas. Como a família, em questão, pode ser identificada

como grande parte das famílias de classe A e B. Trata-se de buscar, rapidamente, causas que tranquilizem a elite dos leitores de jornais e revistas. Se a explicação é a falta de autoridade ou omissão paternas, todos os casais que não pecam, por desleixo ou excesso de liberalismo, podem respirar aliviados: *na nossa família isso não vai acontecer*.

Se, de alguma forma, este crime diz respeito ao resto da sociedade bem comportada, é pelo viés da falta de sentido nos projetos de vida “topa tudo por dinheiro” que os adultos têm apresentado, às novas gerações, afirma Kehl. O que chama a atenção, no caso, é a onipresença do dinheiro, sua importância no crime, principalmente, para pessoas, para as quais, ele não parece faltar de forma humilhante. A herança parece ser um elemento pertinente do crime: Suzane, filha mais velha do casal, poderia desfrutar do patrimônio familiar para viver *o grande amor*. Com a rica herdeira, o namorado viveria sua paixão, usufruindo das benesses do consumo que seu reduzido patrimônio da classe média baixa, não permitiria. Por sua vez, o irmão do namorado parecia participar do crime por estar *deslumbrado* por uma moto que vem a comprar, imediatamente, com o dinheiro roubado, cujo roubo deveria servir apenas para aparentar que houvera um latrocínio. O dinheiro, na sociedade moderna, não *traz* a felicidade: ele é um componente essencial da suposta felicidade. Simmel afirma: “o dinheiro interpõe, entre o homem e seus desejos, uma instância de mediação, um mecanismo facilitador. E porque, quando ele é alcançado, inúmeras outras coisas tornam-se alcançáveis, cresce a ilusão de que todo o resto seria mais fácil de alcançar” (p.35)

Se qualquer aspiração à felicidade deve passar pelo dinheiro, compreende-se, assim, que a paixão também tem medida monetária. Saagesi chama a atenção para a falta de ironia dessa afirmação: “a felicidade, na paixão, só é possível num horizonte de plenitude financeira”

Voltemos a Simmel: “ Com a aproximação da felicidade, porém, aumenta o desejo dela, pois não é o absolutamente remoto e proibido que acende a chama da paixão e da saudade máximas, mas sim, o que não é possuído e cuja posse parece aproximar-se ,cada vez mais, como acontece por meio da organização monetária.”(p.35). Simmel, que escreve no final do século XIX, portanto, antes do surgimento do discurso psicanalítico, surpreende-nos pela profundidade com que fala sobre a frustração básica do homem moderno: “acredita-se, muito facilmente, que se possui, no dinheiro, o equivalente exato e total do objeto. Encontra-





se nisso, certamente, um motivo profundo para o caráter problemático, a inquietação e a insatisfação da nossa época.”(p. 31).

### **Observatório da Imprensa**

No dia 19 de novembro, o Programa Observatório da Imprensa, exibido pela TV Educativa do Rio de Janeiro, apresentado pelo jornalista Alberto Dines, discutiu a cobertura da mídia, no caso do assassinato dos pais de Suzane Louise,

Participaram do debate, os seguintes convidados: Paulo Sérgio Pinheiro, então Secretário de Estado de Direitos Humanos, em Brasília; o presidente da Associação Brasileira de Psiquiatria, Marco Antônio Brasil, no Rio de Janeiro; e os jornalistas Renato Lombardi, repórter do Estadão e Bernardo Ajzenberg, na época ombudsman da **Folha** e, hoje, Assessor de Imprensa do Secretário de Comunicação e Gestão Estratégica, Luiz Gushiken.

Através da urna eletrônica, Dines questionou: "A mídia ajuda a sociedade a compreender os crimes de grande repercussão?"

O crime de Suzane teve exaustiva cobertura nos jornais e revistas, especialmente, por ser, a acusada, de classe média alta e pelo barbarismo do parricídio.

A questão que se impõe é colocada por Dines, em seu editorial, quando faz a seguinte ponderação: "pensem neste crime com uma ótica, verdadeiramente, social; a desumanização mostrada naquela madrugada, no bairro do Brooklyn foi casual ou, faz parte, de um processo de esgarçamento moral?"

A crise dos valores também entrou em pauta, especialmente, a mídia foi cobrada, mas a situação atinge a todos, portanto, o comportamento pessoal, também, é levado em consideração, quando, nas palavras de Dines: "assistimos à banalização da violência, aceitamos pequenas infrações e convivemos com a corrupção, que aceitamos as mistificações e nos deixamos levar pelo lento desintegrar de uma comunidade sem comunhão".

As opiniões foram as mais diversas possíveis e as diferenças ideológicas foram respeitadas, sempre com uma discreta dose de ironia, característica permitida às pessoas muito inteligentes, como Alberto Dines.



Paulo Sérgio Pinheiro, por exemplo, afirmou que “não crê em uma crise de valores morais e considera que a cobertura da mídia foi parcial e cansativa por explorar, demais, um fato que ocorre com uma camada mais rica da sociedade”.

O psiquiatra Marco Antônio Brasil admitiu que "a situação de agressividade e banalização da vida humana vem crescendo, fazendo as pessoas se sentirem mobilizadas a desrespeitar os limites". Já, Bernardo Ajzenberg, foi claro, coerente e reflexivo sobre a cobertura do caso da família Von Richthofen: "apesar de não achar que a cobertura da mídia tenha sido, neste caso, absolutamente e marcadamente, sensacionalista, me pareceu que, nos últimos dias, a partir da reconstituição, no caso especialmente das televisões, realmente foi muito forte e marcante”.

O jornalista Renato Lombardi, entretanto, defendeu criticamente o papel do jornalismo: "A imprensa não é culpada de nada. A imprensa noticia, há exageros e excessos, mas o jornalista busca a verdade. O show é uma coisa à parte e não pode ser levado a sério para uma cobertura de um crime tão sério e trágico como este"

A jornalista Dorrit Harazim, respeitada profissional, escreveu um artigo com o seguinte título, sobre o assassinato do casal Richthofen. “: *O auto-retrato do Brasil de dupla identidade*. Na abertura do texto, ela comenta que a escolha de Suzane foi feita numa idade em que , juridicamente, responsável por seus atos civis e criminais. A idéia central de Dorrit é comparar o perfil de vida sócio - econômico e emocional de Suzane Louise com o assaltante do ônibus 174, Sandro, ocorrido, em 2000 e que parou a cidade do Rio de Janeiro. Segundo a jornalista, a bela moça poderia ter vivido sua paixão proibida na imensidão dos Lençóis Maranhenses, sem dinheiro nenhum ou, com apenas alguns dos reais que sempre surgem quando *se é bem nascido*.

Voltemos à preciosidade das palavras da Dorrit: “Poderia estar casando de mentirinha, em Bonito, ter embarcado num trem para a Bolívia, começado a viver a sua própria vida, nas três línguas que domina. Poderia tudo, impregnada pela sensação fugaz de invencibilidade que a paixão produz. Bastaria atravessar a soleira do portão da casa dos pais, escapulir das câmeras de vigilância que a cercavam e pretendiam protegê-la e arcar com as conseqüências da escolha.



## **Dois pesos e duas medidas<sup>1</sup>**

A escolha de Suzane foi outra. Para não sair de casa e testar a vida sem colchão nem herança, optou pelo assassinato. Ao longo de dois meses, arquitetou a eliminação da mãe psiquiatra e do pai engenheiro. Certificou-se de que ambos estavam dormindo, desligou o sistema de alarme da casa e providenciou luvas cirúrgicas que pertenciam à mãe para os executores do duplo homicídio. Enquanto, seu namorado Daniel matava o engenheiro Manfred a golpes de cano de ferro recheado com madeira, para aumentar o impacto, e Cristian, o irmão de Daniel, golpeava Marísia, Suzane retirou-se para a garagem para não ouvir os gritos. Depois ajudou a limpar a cena do crime e foi para um motel com o namorado. No dia do enterro, vestiu top curtinho e calça preta, com umbigo bronzeado à mostra. Dias depois, festejava seu aniversário como qualquer garota de 19 anos, no sítio da família.

Estes são os fatos. Só que o Brasil parece não estar preparado para lidar com uma assassina louca, jovem, bonita, bem tratada e de cabelos longos de fazer inveja a qualquer comercial de xampu. Suzane estava de rabo de cavalo ao ser presa. Reapareceu para a imprensa com a cachoeira de cabelos encobrindo seu belo rosto. Nem sombra da truculência policial que costuma acompanhar a exibição de suspeitos famosos nascidos no Brasil periférico. Nada de pescoço torcido à força para as câmeras de televisão. Ainda bem. Pena que esse tratamento não valha para todos.

Nada de invocar a reabertura do debate sobre pena de morte diante da ferocidade de mais essa escalada do crime. Ainda bem. Em vez disso, invocaram-se psicanalistas, sociólogos, antropólogos urbanos, líderes religiosos e educadores para analisar a fragilidade das relações familiares. O subtexto de toda essa argumentação sugere que estamos todos, pais e mães, sujeitos a sermos assassinados por nossos filhos se contrariarmos suas escolhas amorosas, se não soubermos encontrar o equilíbrio entre proibir e desaconselhar. Precisamos dar mais atenção para jovens em desvio.

Difícil é fazer julgamento tão temperado quando o acusado de um crime não brota do mesmo universo dos formadores de opinião. A esse efeito, convém ir, correndo, assistir ao magistral documentário "Ônibus 174". O Brasil, sem maquiagem, está todo lá. Dirigido por José Padilha e Felipe Lacerda, o filme reconstituiu o seqüestro de ônibus que paralisou o Rio de Janeiro há dois anos atrás e, no fim do qual, morreram uma refém e Sandro, o seqüestrador.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Sessão de Temas Livres, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



Ao contrário de Suzane Louise, Sandro Rosa do Nascimento tinha 9 anos e meio quando decidiu sair de casa. O clima lá na periferia de Niterói não estava bom: viu a mãe morrer esfaqueada no bar que gerenciava. O pai já tinha sido assassinado, num carnaval qualquer. Sandro virou menino de rua, sobreviveu à chacina da Candelária e naquele dia 12 de junho de 2000, decidiu arriscar o assalto a um ônibus. Ao contrário de Suzane Louise, não planejou matar alguém. Pouco importa, estava condenado. Se não tivesse morrido em mãos da polícia, dentro de um camburão, talvez tivesse morrido linchado em pleno bairro do Jardim Botânico. Teria sido uma fatalidade incontrolável.

### **Explicações para o desconforto**

O Brasil parece não estar preparado para uma assassina jovem, bonita, loura e rica. No caso de Suzane, já há quem divague sobre o destino da jovem não tivesse ela, sido contaminada pelos irmãos Daniel e Cristian. Pronto, assim se resolve o agudo desconforto que o episódio tem provocado. Na vida, como na morte, o Brasil se constrói em dois auto-retratos. Mas, se para um indivíduo ter identidade dupla já é problemão, para uma nação é receita certa de neurastenia e envenenamento social. Esta, sim, uma fatalidade evitável”<sup>6</sup>

1 Trabalho apresentado na Sessão de Temas Livres, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



## **Bibliografia**

- ARENDDT, Hannah.. *Eichmann em Jerusalém - Um retrato sobre a banalidade do mal*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras,1999
- CHOMSKY, Noam Chomsky. *A Nova guerra contra o terror* in Revista Estudos Avançados. Número 44.V.16 Janeiro/abril 2002.
- SAAGESI, E. Violência sem causa.? Instituto de Psiquiatria da UFRJ. Rio de janeiro,Dezembro.2002
- SIMMEL, G. Sociologia 2.Estudios sobre las formas de socilalizacion. Madri: Biblioteca de la revista de Occidente,1997.
- SODRÉ, M. Existe Consciência Ética na Imprensa? In *Ética, Cidadania e Imprensa*. Rio de Janeiro:Maud,2002.
- JAMESON, F. A Cultura do Dinheiro. Ensaios sobre a Globalização.Petrópolis:Vozes,2001
- NASCIMENTO, M.L (org). *Pivetes: a produção de infâncias desiguais*. Niterói:Intertexto,2002.

---

<sup>6</sup> Jornal **O Globo**- caderno País -19/011/2002 – p. 21.